

# Quando a arte está presente na moda: um olhar sobre o desfile da Costura do Invisível

*When art is present in fashion: a look over Invisible Sewing of fashion show*

Dias, Regina Maria Alves; mestranda da Universidade Anhembi Morumbi  
arquiteturas@ig.com.br

## Resumo

Através da análise de um desfile da São Paulo Fashion Week, traçamos paralelos entre a arte e a moda e design. Isto porque muitas vezes essas relações são muito estreitas e se confundem. Aproveitamos a oportunidade para analisar o desfile do estilista Jum Nakao, intitulado: A Costura do Invisível, para pensar sobre design e arte no contexto contemporâneo. Esse desfile permite pensamentos amplos sobre esses temas porque abre oportunidades de reflexão, visto que esse justamente, foi o intuito do conceito do estilista. Costurar o invisível é abrir a oportunidade de analisar o que não vemos, mas que existe na imensidão do processo criativo.

**Palavras Chave:** arte, moda, design

## Abstract

*Trough the analysis of a show from the São Paulo Fashion Week, we intend to draw a parallelism between art, fashion and design. Also because those relations are many times narrow and mixed.*

*We took advantage to analyze the fashion show by stylist Jum Nakao, entitled: The Invisible Sewing, in order to think about design and art in the contemporaneous context. This fashion show allows comprehensive thoughts about such themes because it leads to reflecting on opportunities, once such was in fact the stylist's goal. Tailoring the invisible is an opportunity to analyze what we do not see, but that in fact exists in the wideness of the creative process.*

**Keywords:** art, fashion, design

## **A proposta da Costura do invisível**

Em 17 de junho de 2004 na São Paulo Fashion Week, um dos eventos mais importantes na área da moda em nosso país, um desfile chamou a atenção do público e provocou reações muito diversas.

O estilista Jum Nakao propôs no desfile da sua coleção, uma idéia que pela sua ousadia, fez pensar sobre o próprio conceito de moda. Seu tema foi: A Costura do invisível. As roupas eram todas confeccionadas em papel vegetal, sua inspiração foi o fim do séc. XIX, a cenografia representando anêmonas feitas a partir de cones de papel vergê. As modelos pareciam uma única pessoa, em série, utilizando na cabeça umas perucas no formato dos cabelos dos bonecos Playmobil, isto para que cada pessoa pudesse imaginar-se naqueles *looks* como quisesse: fada, rainha, plebéia. Quem brincou com o *Playmobil* sabe que os bonecos eram todos iguais, mas podiam se transformar em qualquer personagem, dependendo da suas roupas.

A utilização desse elemento lúdico fez os dois mundos se encontrarem nesse trabalho: o real e o imaginário.

“Os mundos fictícios que o homem cria são cenários privilegiados da arte e da criatividade humana. O território autônomo dos mundos fictícios é em primeiro lugar, expressão do mundo interior e exterior do homem, recriação e imitação de uma realidade evocada, ao serviço da necessidade humana de encontrar o sentido das coisas.”  
(STORK, Ricardo. 1996)

## **Ao final do desfile as modelos rasgaram todas as roupas.**

Mesmo depois de Duchamp continuamos a nos surpreender quando alguns trabalhos como o de Jum Nakao quebram alguns paradigmas, retomando discussões que fazem parte do pensar para além das aparências.

Em qual categoria podemos classificar a moda? Arte, design? Em 1961, Dario Caldas já se questionava sobre isso e chegou a conclusão que a moda é um fenômeno híbrido.

“...as esferas da criação, da técnica, da produção e do mercado envolvem competências de diversas ordens, sendo inevitável que o ensino de moda na universidade deva refletir essa multiplicidade....a fórmula “arte e design”, por mais paradoxal que possa parecer, revela-se a mais apropriada .”

Na costura do invisível temos um bom exemplo desse hibridismo que acontece não só na moda, mas é nela que focaremos nossa conversa neste artigo. O conceito de desfile se mistura com o de performance, pois a coleção de Jum Nakao durou somente o tempo determinado e único do desfile e as roupas foram rasgadas ao final. Em um desfile comum, as roupas costumam ser o elemento motivador através do qual tanto o conceito quanto o desfile giram. Na costura do invisível, qual será o elemento motivador, visto que as roupas deixaram de existir ou melhor foram destruídas sob o olhar do público.

Jum Nakao fez do público parte do seu processo criativo, pois como podemos perceber pelos seus escritos sobre o desfile, era justamente a reação do público que ele queria eternizar. Surpreender os assistentes e fazê-los pensar, gerar questionamentos sobre o valor das coisas.

A partir dessas conexões lembramos que o processo de industrialização abriu uma maior proximidade das artes com a vida do cotidiano, e em oposição ao distanciamento e até a um certo isolamento, que esta, tinha antes da modernidade. Os produtos gerados em série começam a sofrer uma crescente estetização e passam a competir com os objetos artísticos. No livro editado pela Senac editoras, *A costura do invisível*, o próprio estilista, Jum Nakao, faz essas conexões:

“O contraste entre as referências (a unicidade da indumentária do século XIX e a reprodutibilidade do *Playmobil*) criaria um instantâneo sem espessura: passado e futuro juntos evidenciando a transitoriedade das estéticas e linguagens e achatando inteiramente a perspectiva temporal. Um novo sentido se criaria rompendo as referências temporais.”

A costura do invisível possibilitou-nos recorrer a própria história da arte para tentar a partir desse objeto pensarmos a própria arte. Sabemos que com o pós-moderno, já não se dá a pretensão de existir um único modelo, caminhamos por uma diversidade sem fim de informações, imagens, novas tecnologias e o resultado já não é: “a minha obra”. Apropriamo-nos de tudo que já foi feito com a consciência de que isso não é um retrocesso.

Nos anos 60, os objetos de arte foram para fora do âmbito artístico e possibilitaram a aparição de novas formas híbridas da arte promovendo uma problematização de significados e abertura à interpretação.

O posicionamento de Jum Nakao foi de um profissional maduro que sabia o que queria. Soube aproveitar toda a liberdade que a contemporaneidade proporciona. Utilizou-se da sua obra, o desfile, como faziam na arte conceitual: exercendo um caminho para o *fazer pensar*.

Que tipo de pensamentos além dos que já escrevemos, a costura do invisível pode suscitar?

Onde estará o valor do nosso trabalho, no fazer ou no resultado? Cada roupa executada pela equipe de Jum Nakao exigiu uma entrega de horas, concentração, dedicação. Foram contadas 700 horas para a confecção de todos os *looks*. Como ao final dos desfiles, todos foram rasgados e a equipe sabia que isso iria acontecer, podemos perguntar, qual o valor de tanto trabalho?

Isso nos fez lembrar os operários das grandes catedrais góticas que executavam verdadeiras esculturas em alturas que possivelmente ninguém contemplaria. Nos dois casos valorizou-se mais o processo do que o trabalho final.

Outra idéia que podemos tirar da Costura do Invisível pode ser, a experiência com novos materiais, incomuns para o objeto roupa. A substituição do tecido pelo papel como matéria prima. E por que o papel? Como disse Jum Nakao porque o papel é o lugar do esboço, onde ele geralmente inicia o processo criativo das suas coleções, material frágil transitório e sensível a ação do tempo; branco para ser desprovido de qualquer interferência.

## O encontro com o invisível

“Buscamos resgatar o uso do vago, porque o que é subentendido torna o observador ao mesmo tempo cúmplice da intenção e sujeito da obra, estabelecendo a individuação da experiência transformadora do trabalho” (NAKAO, Jum. 2005).

Ao rever o desfile da costura do invisível, notamos que a cada modelo que entra na passarela desfilando as roupas delicadíssimas de papel, o espanto pela variedade criativa dentro de um mesmo material, toma posse na nossa mente e começamos a ser cúmplices do jogo de Jum Nakao, fazendo uma reverência às diversas idéias que ficam borbulhando em nossas mentes. Além disso uma preocupação acompanha todos esses pensamentos: será que essa não vai rasgar antes da modelo sair de cena? Essa cumplicidade em torcer para tudo dar certo, torna o público um participante ativo do episódio.

Diante do exposto uma indagação fica: o desfile de Jum Nakao pode ser chamado de desfile de moda ou o enquadraríamos melhor em uma obra de arte? Qual elemento poderá delimitar tal questão?

Existe um ponto que no meio de todo o trabalho de Jum Nakao pode passar despercebido, mas que achamos importante, o fato de que, as indústrias de papel procuradas para um possível patrocínio, disseram não! Depois das recusas, a equipe do estilista procurou um segmento mais sensível à cultura, o mercado editorial e com a aceitação por parte da Editoras Senac Nacional e São Paulo, nasceu o projeto da edição do livro: A costura do invisível, que encontra-se em várias bibliotecas como referência para alunos principalmente de moda.

Não saberemos ao certo os motivos pelos quais o projeto foi recusado pelas indústrias de papel, mas o fato é que perderam a oportunidade de ver seu produto ganhar uma notoriedade diferente da usual, por outro lado, o fato de o trabalho ter o apoio de um agente de cultura, fez a projeção do trabalho ser grande nos pólos pensadores da nossa cultura, as escolas entre outros.

Pensemos agora no clima que envolvia toda a equipe responsável pela execução do projeto conceito de Jum Nakao. As costureiras costurando papel. As modelos fizeram provas de roupas de papel e somente foi-lhes revelado que as roupas que iriam usar no dia do desfile também seriam de papel, depois de algumas provas. Porém o rasgar as roupas só foi-lhes revelado no dia do desfile.

Jum Nakao foi convidado para expor essa coleção em Paris no *Galleries Lafayette* em 2005, no Ano do Brasil na França. Uma coleção de moda que vira exposição. Estamos mesmo diante de um trabalho totalmente híbrido, onde moda, arte, design são apenas conceitos que se entrelaçam para a explicação de algo maior: a própria obra.

Com o rasgar as roupas, depois de um trabalho imenso, o estilista nos coloca em contato com o vazio. Um vazio que se tornou repleto de significado por causa do objeto que lhe deu vazão. Novas relações portanto são feitas a partir do apreendermos esse vazio.

Tendo em vista que a moda pode ser enquadrada como design porque nos apoiamos no conceito de Rafael Cardoso, que design se refere a:

“designio, intenção, quanto à configuração, arranjo, estrutura (e não apenas de objetos de fabricação humana, pois é perfeitamente aceitável, em inglês, falar do design do universo ou de uma molécula). A origem mais remota da palavra está no latim designare, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar.”(CARDOSO, Rafael. 2004).

A Costura do invisível coloca-nos também frente a um novo olhar diante do fazer e do projetar, pensando nos vazios, cheios de significados.

Nada como as palavras do próprio autor da obra para configurar o que sua obra significa, terminamos então com Jum Nakao com o trecho abaixo para que com essas palavras possamos deslumbrar para onde convergia o verdadeiro objetivo do estilista, a cartografia do que não existe, do invisível:

“Iniciamos o desfile normalmente – dentro dos códigos -, até quando as modelos se perfilaram para a última contemplação do espectador. Nesse momento subvertemos todas as ordens, alteramos as luzes, a trilha. Era o sinal para rasgar. Uma abertura para a reflexão sobre novos caminhos possíveis na cartografia do invisível. “ (NAKAO, Jum. 2005)

### **Referências:**

BONSIEPE, Gui. **Design do material ao digital**. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997.

NAKAO, Jum. **A costura do invisível**. São Paulo: Editora Senac Nacional, 2005.

GARCIA, C.; MIRANDA, A.P.C. **Moda é comunicação – experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 1994.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blucher, 2004.